

# UM GRITO EM FORMA DE PALAVRAS: A MENSAGEM DE CHARLOTTE BRONTË PARA A ERA VITORIANA

Nathália Baptista Telles Santos (UnIBF)

## RESUMO

Ao escrever *Jane Eyre*, Charlotte Brontë tem o objetivo de comunicar seus anseios e despertar as mulheres para lutar pelos seus direitos e sua liberdade. A autora usa da personagem de Jane para externalizar a realidade da mulher na Era Vitoriana e os sentimentos que não se calam dentro dela. Brontë quer conscientizar toda a sociedade e fazer com que abra seus ouvidos para ouvir o clamor de tantas mulheres que sofrem com a falta de liberdade e com a ideia do feminino imposta a elas. Ficar em casa, cuidar dos filhos e marido não são desejos de todas as mulheres e Charlotte Brontë luta para que as mulheres tenham outras opções assim como os homens, que elas tenham liberdade para escolher o que querem fazer e seguir seu próprio caminho. O objetivo deste trabalho é evidenciar como a autora constrói o grito da personagem de Jane para que através dele o silêncio imposto às mulheres da época seja quebrado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mulheres. Era Vitoriana. Grito. Liberdade.

## ABSTRACT

By writing *Jane Eyre*, Charlotte Brontë had the aim of communicating her desires and awakening women to fight for their rights and freedom. The authoress uses Jane's character to externalize the reality of women in the Victorian era and the feelings that cannot be shut inside. Brontë wants to make all the society aware and open their ears to listen to the clamor of so many women who suffer from the lack of freedom and the idea of feminine imposed on them. Staying at home, taking care of their children and husband are not the desires of all women and Charlotte Brontë fights against these concepts so that women have other options like men do, so they have freedom to choose what they want to do and follow their own path. The aim of this article is to evidence how the authoress builds the scream (grito) of Jane's character thus through it the silence imposed on women from that time is broken.

KEYWORDS: Women. Victorian Era. Scream. Freedom.

## INTRODUÇÃO

Ser levada a sério. Era esse o objetivo de Charlotte Brontë, tanto em *Jane Eyre* (1847) como em suas outras obras. Ela sabia que seu plano seria muito mais difícil por ser uma mulher na Era Vitoriana. Mesmo assim, decidiu não se calar, comunicando por escrito seus anseios, angústias e paixões.

Na Era Vitoriana, a mulher devia estar em casa, cuidando do lar, ocupada com a educação dos filhos, também ser submissa ao marido e fazer suas vontades. Ela era formada para isso, ia à escola para aprender a tocar piano, falar francês e italiano, tudo para que se tornasse capaz de ser uma boa esposa e mãe, capaz de fazer do lar um paraíso.

A mulher não tinha tanto espaço para estar engajada com as artes em um mundo com ideais predominantemente masculinos e, caso estivesse, era vista com maus olhos. Virginia Woolf, em seu livro *Mulheres e Ficção*, destaca que:

A chacota, a censura, a garantia de inferioridade de uma forma ou de outra, prodigalizadas às mulheres que praticavam uma arte, forma naturalmente a causa dessas reações. Vemos o efeito disso na indignação de Charlotte Brontë (...) (WOOLF, 2019, p. 14).

Para ilustrar o menosprezo com que mulheres escritoras eram tratadas, temos abaixo um trecho de uma carta escrita pelo poeta inglês Robert Southey, enviada para Charlotte Brontë em 1837:

A literatura não pode ser o negócio da vida de uma mulher, e não deve ser. Quanto mais ela se envolve em seus próprios deveres, menos prazer ela terá por isso, mesmo que como uma realização e uma recreação. À esses deveres você ainda não foi chamada, e quando você for estará menos interessada pela fama. (SOUTHEY, 1837) <sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> “Literature cannot be the business of a woman’s life, and it ought not to be. The more she is engaged in her proper duties, the less leisure she will have for it, even as an accomplishment and a recreation. To those duties you have not yet been called, and when you are you will be less eager for celebrity.” (Tradução Nossa); Retirado

Se, por ser uma escritora era tratada dessa forma, seus livros também seriam prejudgados, até mesmo depois de serem lidos, como de má qualidade, inferior aos de um homem, já que não dariam o crédito de um trabalho bem escrito à uma mulher. Assim, Brontë publica *Jane Eyre* usando o pseudônimo Currer Bell, e suas irmãs também escritoras, Emily e Anne Brontë, fazem do mesmo modo. Charlotte Brontë queria tanto ser ouvida que abdica da oportunidade de ser considerada escritora para que um público maior desse atenção ao que ela queria externar. A autora explica ao leitor do livro de sua irmã, *O Morro dos Ventos Uivantes*, em uma edição integral, o porquê de utilizarem pseudônimos.

Adversas à publicidade pessoal, ocultamos nossos nomes sob os pseudônimos de Currer, Ellis e Acton Bell, sendo a escolha ditada por uma espécie de escrúpulo que nos levava a assumir nomes positivamente masculinos, não querendo confessarmo-nos mulheres porque – embora então não suspeitássemos de que a nossa maneira de pensar e escrever não era o que se chama de 'feminina' - tínhamos a impressão de que as escritoras eram encaradas com espírito preconcebido. (BRONTË, C., 1850, p. 6 apud SANTOS, 2017, p. 9)<sup>2</sup>

Woolf ainda explica melhor as críticas que uma mulher escritora recebe ao dizer que

É provável no entanto que, quer na vida, quer na arte, os valores de uma mulher não sejam os mesmos de um homem. Assim, quando se põe a escrever um romance, uma mulher constata que está querendo incessantemente alterar os valores estabelecidos- querendo tornar sério o que parece insignificante a um homem, e banal o que para ele é importante. Por isso, é claro, ela será criticada; porque o crítico do sexo oposto ficará surpreso e intrigado de verdade com uma tentativa de alterar a atual escala de valores, vendo nisso não só uma diferença de visão, mas também uma visão que é fraca, ou banal, ou sentimental, por não ser igual à dele. (WOOLF, 2019, p. 15)

---

do site “The Conversation”, disponível em <<https://theconversation.com/the-evolution-of-female-pen-names-from-currer-bell-to-j-k-rowling-46864>>

<sup>2</sup> SANTOS, Nathália Baptista Telles. Uma Rebelde Com Causa: Jane Eyre Sob Análise. Monografia para a conclusão do curso de Letras- Português/ Inglês da UFRJ, Rio de Janeiro, 2017.

O homem da Era Vitoriana considerava a opinião de uma mulher banal ou fraca, escolhia esse modo de ver por ter a certeza de que sua opinião era a melhor e, caso desse algum crédito para o que foi dito, ele poderia perder sua autoridade na sociedade. Michel Foucault (1995), em seu texto *O Sujeito e o Poder*, explica como um indivíduo torna-se sujeito e afirma que “se encontra uma resistência, a única escolha é tentar reduzi-la.” (FOUCAULT, 1995, p. 243 apud SANTOS, 2017, p. 7) e era isso que o homem fazia ao insultar e limitar uma mulher e, infelizmente, alguns ainda fazem.

Podemos dizer que *Jane Eyre* é um romance autobiográfico, pois muito do que a personagem de Jane vive, Charlotte Brontë experimentou em vida, o que faz com que a obra seja mais assertiva. Jane estudou em um colégio interno, tornou-se preceptora, assim como Brontë. O romance também é denominado romance de formação, visto se pode acompanhar o crescimento da personagem da infância à vida adulta e, juntamente, seu crescimento intelectual e espiritual.

Jane, desde a infância, é vista de um modo diferente por agir em contramão à forma que uma menina de sua idade agiria. É esperado que uma menina seja doce, obediente, bonita e habilidosa. Jane, ao invés disso, é independente, considerada rebelde e em toda sua vida vê a beleza como seu ponto fraco. Por conta disso, todos ao seu redor sentem a necessidade de controlá-la, ela não pode ser quem quer, ela deve ser como a sociedade espera que seja.

Pela personalidade de Jane, Charlotte Brontë enfrenta os tantos padrões que a sociedade Vitoriana coage as mulheres a seguirem e tenta abrir os olhos de seus leitores para uma causa maior, o feminismo, a igualdade de gêneros. A mulher deve ter opções de escolha como um homem tem, pode trabalhar e explorar o mundo como um homem. A mulher e o homem são iguais e precisam assim serem vistos. Brontë mostra em *Jane Eyre* que o homem pode e a mulher, também.

## A VOZ DA INFÂNCIA

Ao começar a leitura do romance, percebemos que a voz de Jane é a primeira que ouvimos. É essa voz que nos introduz a vida dessa criança de dez anos, quando morava com

sua tia, Mrs. Reed, e seus três primos, Eliza, John e Georgiana. Nessa casa, ela era maltratada, excluída, sentísse solitária e incompreendida.

A primeira cena que acontece na casa é a de seus primos em volta de sua tia, que estava inclinada no sofá. Jane não se encontrava junto a eles, pois, de acordo com sua tia

(...) até que ouvisse de Bessie, e pudesse ela mesma constatar que eu estava me esforçando sinceramente para adquirir uma disposição mais sociável e própria de uma criança, maneiras mais vivas e atrativas... alguma coisa mais suave, mais franca e mais natural... ela realmente devia me excluir dos privilégios destinados apenas às criancinhas felizes e contentes. (BRONTË, 2010, p. 11)

Ou seja, Jane só seria aceita nesse grupo se agisse conforme agradasse. Ela era vista como a diferente e problemática, até mesmo pelas babás, Bessie e Abbot. Quem não age conforme o padrão é excluído do convívio social e isso podemos ver durante toda a narrativa do livro. A menina ainda tenta entender o porquê de ela estar sendo excluída neste momento:

– O que Bessie disse que eu fiz? – perguntei.  
– Jane, não gosto de espertezas nem de discussões; além disso, é muito errado uma criança enfrentar os mais velhos dessa maneira. Sente-se em algum lugar, e até que possa falar de modo agradável trate de ficar em silêncio. (BRONTË, 2010, p. 11)

Muitos personagens presentes na vida de Jane tentam fazer com que sua voz se cale. O silêncio é a exigência feita para aqueles que expõem suas opiniões e sentimentos que não são condizentes com o que a sociedade prega. E caso os demonstrem, mesmo sendo coagidos, serão castigados. Isso acontece com Jane quando seu primo a chama e ela demora a responder. Seu primo John a encontra atrás da cortina lendo um livro. Ela, com muito medo pois era acostumada a apanhar de seu primo, vai ao seu encontro e ele a agride afirmando que faz isso baseado na forma com que ela falou com Mrs. Reed, por ter pegado seu livro e pelo jeito com que ela a olhou. Arrancando o livro de sua mão, Jane percebe que seu primo vai usá-lo para machucá-la e assim, tenta escapar, mas não consegue. Cansada das agressões, declara

-Garoto cruel e perverso! – gritei. – Você parece um assassino, um feitor de escravos... parece os imperadores romanos!  
Eu havia lido a “História de Roma” de Goldsmith, e formara minha própria opinião sobre Nero, Calígula, etc. Também traçara esses paralelos em silêncio, mas nunca pensara em exprimi-los em voz alta. (BRONTË, 2010, p. 14)

Aqui, Jane não se controla e deixa a natureza falar mais alto, gritar. Ela tinha todo esse discurso em sua mente, mas era sempre reprimida, tentava administrar suas emoções. Neste momento, a razão perdeu para a emoção. E como resultado, chega a hora de seu castigo. Mrs. Reed ordena às babás que a menina seja trancada no quarto vermelho. Bessie e Abbot carregam a menina que luta fisicamente contra o seu destino cruel.

Chegando ao quarto, Jane continua sua luta, e faz isso o máximo que pode. As babás, perplexas com sua atitude, tentam convencer a menina a agir melhor e ser grata à Mrs. Reed por deixá-la morar com ela. Miss Abbot repreende Jane dizendo:

-E não ouse pensar que é igual às meninas Reed ou ao jovem Mr. Reed, só porque a senhora bondosamente permitiu que fosse criada junto com eles. Eles terão muito dinheiro e você não vai ter nenhum. É sua obrigação ser humilde e tentar tornar-se agradável para eles.  
– Estamos falando isso para o seu bem – disse Bessie, numa voz um pouco menos áspera – deve tentar ser útil e agradável, então talvez consiga ter um lar aqui. Mas se tornar-se violenta e rude, a senhora vai mandá-la embora, tenho certeza.  
– Além disso – disse Miss Abbot – Deus vai puni-la, pode fazê-la cair morta no meio de um ataque de pirraça, e então para onde iria? Venha, Bessie, vamos deixá-la. Não queria ter um coração assim, por nada no mundo. Reze, Miss Eyre, reze quando estiver sozinha. Se não se arrepender, algo muito ruim vai descer pela chaminé e carregá-la para longe. (BRONTË, 2010, p. 17)

Aqui, fica claro que até mesmo as babás coagem a menina e a ameaçam a ser melhor, do contrário sua vida será infeliz. Ela deve ser agradável em todo o tempo, mesmo sendo maltratada por seus primos e desprezada pela tia. Na fala de Abbot, podemos constatar o modo em que as pessoas da época viam Deus e como O mencionaram como forma de conter qualquer comportamento oposto ao da sociedade Vitoriana.

Agora sozinha no quarto vermelho, Jane vê uma luz que pensa ser seu falecido tio Mr. Reed e começa a gritar, tentando comunicar seu pavor, pedindo misericórdia para que a tirem dali.

– Ela gritou de propósito – declarou Abbot, com ar de desgosto. – E que gritaria! Se estivesse sofrendo alguma dor, até se poderia aceitar, mas ela só queria nos trazer até aqui. Conheço bem seus truques!

(...)

–Eu abomino qualquer tipo de fingimento, especialmente em crianças. É minha obrigação ensinar-lhe que truques não vão adiantar. Você vai ficar aqui por mais uma hora, e só vai sair se estiver perfeitamente calma e submissa.

– Ah, tia! Tenha piedade! Perdoe-me! Não posso suportar isso... peço que me castigue de alguma outra maneira! Quero morrer se...

– Silêncio! Esse fingimento é extremamente repulsivo.

Mrs. Reed com certeza pensava assim: aos seus olhos eu era uma atriz precoce. Via-me, sinceramente, como uma mistura de paixões virulentas, espírito maligno e perigosa hipocrisia. (BRONTË, 2010, p. 20, 21)

Para elas, o sofrimento de Jane é um fingimento para que a menina consiga o que quer e fazer sua vontade seria como aprovar os modos dela, modos que elas viam como composição de uma grande peça teatral. Jane só sairia do quarto se agisse perfeitamente calma e submissa. Por enquanto, sem alcançar esses valores impostos como naturais de uma menina, também de uma mulher, pede-se silêncio.

Após uma perda de sentidos, como Jane Eyre assim define seu estado pós-guerra, ela acorda com uma sensação estranha, vê que sua tia chamou um farmacêutico para avaliar sua saúde e, por conta disso, pergunta a babá Bessie:

– Bessie, o que se passa comigo? Estou doente?

– A senhorita ficou doente no quarto vermelho, creio que de tanto gritar. Logo estará melhor, sem dúvida. (BRONTË, 2010, p. 23)



Neste momento, o fato de Jane ter gritado é ligado à doença, ou seja, o gritar trouxe más consequências para ela, a tentativa de comunicação falhou por ter sido feita fora dos padrões em que ela está inserida. A fala de Bessie funciona como um aviso, um limite.

Seguindo esse episódio, Mrs. Reed decide colocar Jane em um internato para meninas. Para isso, convida o diretor da Lowood school, Mr. Brocklehurst, para uma entrevista com Jane. Durante os questionamentos, o diretor pergunta se Jane Eyre é uma boa menina, o que a faz pensar antes de responder.

Era impossível responder afirmativamente. Meu pequeno mundo professava uma opinião contrária e eu fiquei em silêncio. Mrs. Reed respondeu por mim, sacudindo a cabeça de forma expressiva. (BRONTË, 2010, p. 34)

Seu pequeno mundo, ainda imaturo para saber quem realmente é, ouve as vozes que proferem injustas definições de seu caráter e a fazem se julgar como uma menina má, desobediente. Jane é um reflexo das mulheres na sociedade Vitoriana, que eram cegadas pela definição de feminino imposto a elas, dificilmente podendo explorar seu potencial, e se explorassem, eram forçadas a desistir.

Charlotte Brontë, durante o livro, mostra muito de Jane Eyre através da fala de outros personagens, porém nunca deixa o leitor solitário no percurso, ela o guia na vida da personagem através de sua voz. Virginia Woolf assim esclarece:

A autora nos pega pela mão, força-nos a seguir seu caminho, faz-nos ver o que ela vê, não nos larga um só instante nem nos permite esquecê-la. Por fim somos totalmente impregnados pelo talento, veemência, indignação de Charlotte Brontë. Faces notáveis, figuras de forte contorno passaram subitamente por nós; mas foi pelos olhos dela que as vimos. E é em vão que as procuramos quando ela parte. Pense-se em Rochester, e temos de pensar em Jane Eyre. (WOOLF, 2019, p. 47)

Terminado seu encontro com o diretor da escola, Jane não se conteve em desabafar com a tia sobre todas as mentiras que esta havia contado a seu respeito para o Mr. Brocklehurst.

– Não sou fingida. Se eu fosse, diria que amo a senhora. Mas afirmo que não a amo, eu a odeio mais do que qualquer pessoa no mundo, exceto John Reed.

(...)

– Jane, você não entende essas coisas. Devemos corrigir os erros das crianças.

– O fingimento não é um dos meus erros! – gritei em voz alta, com selvageria.

– Mas você é passional, Jane, deve admitir isso. E agora volte para o quarto das crianças, minha querida... e descanse um pouco.

– Não sou sua querida, e não posso descansar. Mande-me logo para a escola, Mrs. Reed, pois odeio viver aqui. (BRONTË, 2010, p. 38, 39)

Nessa passagem, Jane demonstra que nela há uma verdade que a tia jamais poderia ter. A tia finge ser uma boa responsável da menina, enquanto Jane não esconde seus reais sentimentos em relação a seus parentes. Sim, Jane é passional e por ser assim é que ela não consegue conter os gritos na garganta, ela deve soltá-los porque ela anseia em ser verdadeira e lutar por si própria, já que não tem ninguém ao seu lado para defendê-la. O combate é completamente dela. Solitária, segue para sua próxima parada, a Lowood school.

## OUVIDOS ATENTOS

Ao chegar a Lowood school, uma instituição de caridade que abriga meninas órfãs, Jane se depara com dificuldades para se habituar às novas regras. No meio dessas mudanças, conhece Helen Burns, uma menina que está na instituição há dois anos. Burns é um pouco mais velha que Jane e é uma criança com quem Jane tem muito a aprender.

Danielle Lima (2013) aponta para o fato de que o sobrenome Burns está presente na composição do nome como um verbo de terceira pessoa do singular vindo do infinitivo cujo significado é queimar, arder, ou seja, Helen é aquela que queima. (LIMA, 2013, p. 270)

Assim como o fogo molda objetos, o fogo, o calor transmitido por Helen ajudará Jane a moldar seu caráter, e isso ocorre através de diálogos entre as personagens e pelo próprio exemplo de índole que Helen demonstra. (SANTOS, 2017, p. 20)

Com esse encontro, Jane vai aprender a colocar mais a razão em prática e controlar sua paixão em exprimir o que sente e pensa sem antes refletir nas consequências.

O primeiro diálogo que dá início a essa amizade consiste em Jane Eyre avistando Helen lendo um livro chamado “Rasselas”. Jane fica curiosa e resolve se aproximar de Helen e fazer perguntas sobre o livro. Helen empresta o livro para que Jane dê uma olhada e veja sobre o que se trata, mas a menina não se interessa tanto pelo fato de o livro não conter fadas, nem gênios, por parecer ser um livro mais sério, e isso representa a função de Helen na vida de Jane. Jane costumava ler livros fantasiosos, infantis, e Helen apresenta à menina a fase da maturidade. “Rasselas”, um livro de Samuel Johnson, conta a história de um príncipe acostumado com uma vida considerada perfeita, mas que não se sente feliz, e seu objetivo na narrativa é alcançar a felicidade. O livro é um símbolo da maturidade de Helen, já que, enquanto a maioria das crianças normalmente gosta de ler livros com conteúdos infantis, Helen escolhe um livro de caráter mais filosófico, procurando uma resposta para como ser feliz. O leitor, no momento em que Jane pergunta se Helen é feliz em Lowood school, pode concluir que a menina não é e isso explica sua escolha do livro. “– E é feliz aqui? – Você pergunta demais. Já lhe respondi o bastante por hoje, agora quero ler.” (BRONTË, 2010, p. 52) Helen resolve não responder a pergunta e termina o diálogo, preferindo não dar uma resposta mentirosa.

Helen encara dias difíceis na instituição devido a uma professora chamada Miss Scatcherd persegui-la. A professora presta atenção em tudo o que a menina faz e a pune sempre que suas ações não lhe agradam. Helen, nessas situações, aceita os castigos sem rebeldia e Jane não entende seu jeito passivo.

– Se eu fosse você, não gostaria dela. Eu a enfrentaria. Se ela me batesse com aquela vara eu a arrancaria das mãos dela e a quebraria debaixo do seu nariz. (...) Se as pessoas fossem sempre boas e obedientes com aqueles que são cruéis e injustos, os maus teriam tudo a seu modo. Nunca sentiriam medo e assim nunca mudariam, mas se tornariam cada dia piores. Se nós apanhamos sem razão, devemos bater de volta com mais dureza. Estou certa disso... com tanta dureza que a pessoa que nos bateu nunca se atreva a fazer isso de novo.

– Você mudará de ideia quando crescer, espero. Por enquanto é apenas uma menina ignorante. (...) Os pagãos e as tribos selvagens sustentam essa doutrina. Mas os cristãos e as nações civilizadas a repudiam.

– Como? Não entendo.

– Não é a violência que vence o ódio... nem a vingança é o melhor caminho para curar a injúria. (BRONTË, 2010, p. 55, 57)

Esse é um dos diálogos em que Helen ensina Jane a controlar suas emoções e deixar o Cristianismo e a razão falarem mais alto. Monteiro (2000) observa que “enquanto Jane submete-se aos sentimentos de ira e paixão, Helen rejeita-os, o que pode ser considerado também uma forma de rebeldia.” (MONTEIRO, 2000, p. 81 apud SANTOS, 2017, p. 20), ou seja, as duas são rebeldes. Contudo, a rebeldia delas se distingue. Uma age de rebeldia contra sua própria carne, contra a natural reação humana, a outra, contra quem se mostrar seu inimigo. Helen baseia suas ações nos ensinamentos bíblicos, o que Jane Eyre adquire um pouco com a amiga, a agir com mansidão e crer em um Deus que não a deixa só.

Há um episódio no qual põe o que Jane aprendeu com Helen à prova. Jane, reunida com as outras meninas da instituição, estava na presença de Mr. Brocklehurst. Enquanto o diretor fala, Jane deixa um ábaco cair e chama a atenção dele. Ele se irrita e faz com que a menina fique sobre uma cadeira na frente de todas as outras como punição.

E ali estava eu, sentada no alto de um banco. Eu, que havia dito que não suportaria a vergonha de ficar sobre os meus próprios pés no meio da sala, estava agora exposta à visão geral no alto de um pedestal de infâmia. O que eu senti então, não há palavras que possam descrever. Mas quando a emoção me dominou, paralisando minha

respiração e contraindo minha garganta, uma menina veio e passou por mim. Ao passar ela levantou os olhos. Que luz estranha brilhava neles! Que sensação extraordinária este raio de luz me trouxe! Como esse novo sentimento me deu forças para suportar! Foi como se um mártir, um herói, passasse por um escravo ou uma vítima e transmitisse sua força a ele. Dominei a euforia que me invadia, levantei a cabeça e sentei-me firme no banquinho. (BRONTË, 2010, p. 65)

No momento em que Jane estava prestes a gritar e expressar o que sentia, Helen aparece e ao vê-la Jane se acalma. Helen tem sobre Jane esse poder de controlar sentimentos e, embora possa ser visto como dominação, Helen, na verdade, ajuda a amiga a filtrar o que realmente deve ser dito. Helen não representa a sociedade Vitoriana, mas sim uma conselheira que auxilia Jane a lidar com o mundo no qual vive. Helen Burns aquece Jane nessa era fria.

Ela esfregou meus dedos gentilmente, para aquecê-los. Então continuou:

– Mesmo que o mundo inteiro a odeie e a julgue má, enquanto sua consciência estiver tranquila e isentá-la de culpa, você nunca ficará sem amigos.

– Não. Sei que tenho razões para pensar bem de mim mesma, mas isso só não basta. Se os outros não gostarem de mim, prefiro morrer a viver... Não consigo suportar a solidão ou o ódio dos demais, Helen. Veja o que acontece aqui. Para ganhar o seu afeto, ou o de Miss Temple, ou o de alguém a quem eu realmente estimo, de bom grado aceitaria que quebrassem o meu braço, ou deixaria que um touro me atacasse, ou ficaria atrás de um cavalo selvagem para que jogasse as patas contra o meu peito...

– Silêncio, Jane! Você dá um valor excessivo ao amor dos seres humanos. Você é muito impulsiva, muito passional. O Ser Soberano que a criou e lhe deu a vida, deu-lhe outros recursos além desse fraco “eu” e os de criaturas fracas como você. (BRONTË, 2010, p. 67)

Helen pontua nesse diálogo uma importante característica de Jane Eyre. Ao mesmo tempo em que ela é passional e expresse tudo o que sente, ela tem a grande necessidade de se sentir amada e para isso, aceita qualquer tipo de condição. Aqui, Helen pede silêncio, mas não da mesma forma que outros personagens que passaram pela vida de Jane, ela o pede pois Jane está dando muita relevância ao que ela vê como desnecessário. Jane odeia a solidão e não

gostaria de senti-la como sentia na casa de sua tia. Helen, ao contrário, percebe essa necessidade como algo pequeno, já que ela pensa em obter algo muito maior, como ela diz “Por que, então, devemos nos sentir aterrados pelo sofrimento, quando a vida é tão curta, e a morte nos garante a felicidade eterna... e a glória?” (BRONTË, 2010, p. 68)

Burns pensa em alcançar os céus, enquanto Jane pensa em conquistas terrenas. Helen quer ser melhor para Deus, Jane se esforça para ser melhor com o fim de sentir o amor de outras pessoas para com ela. Com o tempo, ela aprende que não se deve viver para conseguir o amor de outros, na verdade ela deve amar a si mesmo em primeiro lugar.

Helen precocemente adoece e troca Lowood pelo lugar que tanto queria estar, o paraíso. Contudo, até o fim de sua vida, ela faz questão de fazer Jane se sentir bem e protegida. Helen Burns está em um quarto separado das outras alunas pois está com tuberculose, e em uma noite, Jane decide visitá-la, sem saber que aquela seria a última conversa que teriam.

- Vou ficar com você, querida Helen. Ninguém vai me tirar daqui.
- Está aquecida, querida?
- Sim.
- Boa noite, Jane.
- Boa noite, Helen. (BRONTË, 2010, p. 77)

Tendo certeza de que Jane está aquecida, Helen adormece tranquila. Ela cumpriu bem uma de suas missões, a de ajudar Jane em sua formação, aquecendo-a com seu amor e com o que aprendeu em seus poucos anos de vida. Eyre não se torna como Burns, mas molda sua personalidade a partir do que aprendeu com a amiga, controlando mais suas emoções. Ouvindo Helen, Jane pôde amadurecer. O encontro entre as meninas é de extrema importância para o crescimento pessoal de Jane e a forma com a qual a partir de agora ela irá se expressar e se comunicar com outras pessoas. Atingindo a maioridade, a menina percebe que precisa de novos ares.

## A ENTOAÇÃO PERFEITA

O que eu quero? Um lugar diferente, uma nova casa, cercar-me de novos rostos, sob novas circunstâncias. Desejo isso porque é inútil desejar coisa melhor. Como as pessoas fazem para conseguir outro lugar? Apela para os amigos, suponho, mas eu não tenho amigos. Há muita gente que não tem amigos, e que deve cuidar e ajudar a si própria. Quais são os seus recursos? (BRONTË, 2010, p. 81)

Em Lowood, Jane se descobre na profissão de professora e chega a lecionar na instituição que a formou, entretanto, como no trecho destacado acima, ela anseia mudança e não silencia seu desejo, buscando um novo lugar para ficar. O fato de ela estar em busca da realização do seu desejo e, especialmente, sozinha, faz deste um discurso revolucionário para a Era Vitoriana. Juntamente, ela enfrenta muitos problemas sociais pela profissão que irá exercer nesse novo lugar, a de preceptora.

O ideal para as mulheres na sociedade Vitoriana era ter uma boa educação para conseguir um bom casamento e estar preparada para servir ao seu marido em seu novo lar. Contudo, nem todas as mulheres tinham a oportunidade de obter uma boa educação devido a suas origens, logo seria mais difícil encontrar um marido e assim, deveriam trabalhar. Para essas mulheres, o trabalho que poderiam ter para seu próprio sustento era o tido como inferior, braçal. Já as mulheres que recebiam educação, mas não haviam se casado, a melhor opção era ser preceptora.

As preceptoras eram contratadas para trabalhar em casas de classe alta, já que as mães, muito bem instruídas, tinham outras tarefas para se ocuparem. Elas moravam com as famílias, mas tinham dificuldade em encontrar seu espaço nesse ambiente. O problema era que as famílias temiam que as preceptoras fossem más influências para seus filhos, que estimulassem um espírito revolucionário nas crianças, o que fazia elas serem vistas com certa desconfiança. Maria Conceição Monteiro (1998) em seu texto *Figuras Errantes na Época Vitoriana: a Preceptora, a Prostituta e a Louca*, explica esse temor das famílias vitorianas:

Os baixos salários e as difíceis condições de trabalho que as famílias burguesas impunham à preceptora provocavam nas elites vitorianas sérias preocupações. Na verdade, havia o temor de que se levasse para o espaço sagrado do lar a mesma onda de revolta que varreu a Inglaterra em meados do século passado, conduzindo às ruas levas

de operários que reivindicavam melhores salários e condições mais dignas de trabalho. (MONTEIRO, 1998, p. 4)

Saindo de Lowood e chegando em Thornfield, Jane Eyre já espera a forma de tratamento que receberá, pois sabe a fama que a profissão de preceptora tem na sociedade. Contudo, ao se encontrar com a administradora da casa, Mrs. Fairfax, Jane fica surpresa.

Ela me trata como uma visita” pensei. “Não esperava essa recepção, achei que encontraria frieza e secura. Isso não é nada parecido com o que ouvi sobre o tratamento dispensado às governantas. Mas não devo cantar vitória tão cedo. (BRONTË, 2010, p. 90)

As preceptoras, também denominadas governantas, não eram tratadas tão educadamente assim, o que chama a atenção de Jane ao ser bem recebida. Na verdade, Mrs. Fairfax encontra em Jane uma pessoa que ela pode dizer ser do mesmo nível que o dela, pelo menos mais próximo que o dos empregados da casa, como pode ser visto em sua fala abaixo:

No inverno, porém, sentimos uma terrível solidão até nos melhores lugares. Quero dizer... Leah é uma boa moça, e John e a esposa são ótimas pessoas, mas, você sabe, são apenas criados, e não se pode conversar com eles em plano de igualdade. Deve-se manter a devida distância, ou então se perde a autoridade. (BRONTË, 2010, p. 91)

E assim se dá essa separação de classes. Empregados e preceptoras não podem estar juntos, assim como preceptoras e patrões não são tidos como iguais. A profissão que Jane escolhe para si reforça a solidão que ela tinha medo de sentir novamente quando conversava com Helen em Lowood.

Conhecendo Mr. Rochester, seu patrão, em Thornfield, ela se apaixona, porém ela sabe que uma preceptora não deve se unir a seu patrão, não era aceito pela sociedade e, por conta disso, tenta dar voz à razão.

Não que eu me sentisse humilhada por algum escravizante sentimento de inferioridade. Ao contrário. Apenas disse a mim mesma:



‘Você não tem nada a ver com o dono de Thornfield, além de receber o salário que ele lhe paga para ensinar a menina e ser grata pelo tratamento respeitoso e gentil que, se cumprir bem sua missão, tem o direito de esperar da parte dele. Esteja certa de que esse é o único laço que ele reconhece entre vocês dois. Assim, não faça dele o objeto dos seus belos sentimentos, seus devaneios, suas agonias... e siga adiante! Ele não é do seu nível: mantenha-se no seu lugar. Seja respeitosa e não se permita amar com toda a força do seu coração e da sua alma alguém que não deseja essa dádiva e pode desprezá-la.’ (BRONTË, 2010, p. 148)

Agora na maturidade, podemos ver que ela tem mais consciência do que acontece ao seu redor e de como a sociedade reprime seus desejos, inclusive amorosos. Ela não pode se apaixonar por alguém que não seja de seu nível e acredita que Mr. Rochester também não se apaixonaria por alguém provido de pouca beleza como ela se via. Para se aquietar, ela decide desenhar um retrato próprio e outro daquela que pensava ser a futura noiva de Rochester, Blanche Ingram, que é vista como bela.

Tinha mais uma razão para congratular-me pela saudável disciplina a que submetera meus sentimentos. Graças a ela fui capaz de suportar os acontecimentos que se sucederam com uma serenidade digna, a qual não seria capaz de manter, nem mesmo aparentemente, caso me encontrasse despreparada. (BRONTË, 2010, p. 147)

Aqui ela é grata pela razão, por ter conquistado certo grau de autocontrole para que sua reputação não seja atingida pela força de sua paixão. Jane Eyre na fase adulta se encontra com o dilema da razão e emoção, diferentemente de quando era criança, em que tudo consistia na emoção.

Em uma conversa com Rochester, ele dá a entender que seu casamento com Blanche Ingram está confirmado e que Eyre seria enviada para a Irlanda a trabalho, já que seria dispensada de trabalhar em Thornfield. Jane fica tão desapontada com a decisão que deixa seus sentimentos por ele à mostra.

A violência da emoção, aumentada pela tristeza e pelo amor dentro de mim, pedia para dominar, lutava para afirmar-se, clamava pelo

direito de predominar, de superar, de elevar-se e, por fim, de reinar. Sim – e por falar. (BRONTË, 2010, p. 225)

Nesse momento ela abandona o uso da razão pois o sentimento está gritando mais fortemente dentro dela. Ela precisa desabafar seu amor por Rochester antes que seja tarde demais. Desvendando seus sentimentos, aceita a ideia de ir para a Irlanda já que Blanche Ingram estaria agora na casa. Rochester afirma que não se casará com Ingram e insiste para que Jane fique. Assim, Jane declara:

–O senhor pensa, que porque sou pobre, obscura, simples e pequena, que não tenho alma nem coração? Então está pensando errado! Tenho tanta alma quanto o senhor, e até mais coração! E, se Deus tivesse me dotado de alguma beleza e grande fortuna, tornaria tão difícil para o senhor deixar-me quanto para mim é difícil deixar o senhor. Não estou lhe falando através do costume, das convenções ou da carne mortal: é o meu espírito que se dirige ao seu, como se os dois houvessem passado pelo túmulo e agora estivessem aos pés de Deus, iguais – como somos. (BRONTË, 2010, p. 226)

Esse discurso mostra a força que Jane Eyre carrega consigo e não só representa a personagem, mas como também todas as mulheres em relação aos homens. Nessa fala, Jane se dá o direito de se expressar de igual para igual com um homem, contrário às regras da sociedade Vitoriana. E ainda acrescenta: “– Não sou um pássaro, e nenhuma gaiola vai me prender. Sou um ser humano livre, com vontade soberana, a mesma vontade que me ordena deixá-lo!” (BRONTË, 2010, p. 226)

Novamente, a personagem se põe como uma pessoa livre que não precisa de ninguém para reafirmá-la. Charlotte Brontë usa Jane Eyre para mostrar que as mulheres são iguais aos homens, sentem como eles e devem ter os mesmos direitos. Muitos críticos da época da publicação do livro vêem Jane como uma personagem rebelde por ser independente e lutar pelo que acredita, pela sua liberdade. Mas esse livro e muitos outros escritos por mulheres são os que ajudaram a sociedade a abrir os olhos, os ouvidos para ouvir os gritos de tantas mulheres silenciadas pela imposta submissão.

Rochester, após ouvir as respostas de Jane, a propõe em casamento e declara que a ama. O dono de Thornfield não se importa com a diferença de classes entre ele e Jane, pois isso representa para ele uma forma mais fácil de dominá-la e, como afirma Maria Conceição Monteiro (2000) Jane “luta contra a dominação do outro” (MONTEIRO, 2000, p. 78 apud SANTOS, 2017, p. 31). Jane, ao aceitar o relacionamento entre os dois, deixa claro que ela é independente e, contando com a razão, ela está atenta a qualquer situação que ameace sua liberdade. Quando Rochester começa a lhe comprar presentes e a querer que ela se vista melhor, fazendo comentários que a colocasse em posição de objeto, ela contesta “–Portanto não me considere igual a uma escrava.” (BRONTË, 2010, p. 241)

No dia de seu casamento com Rochester, Jane recebeu a notícia de que ele é casado e sua esposa vive na mesma casa, porém presa no sótão. Seu nome é Bertha Mason e ela fica naquele local por estar louca e não ter domínio de suas ações. Ao saber disso, Jane pensa que não é certo dar procedimento à cerimônia e cancela. Essa decisão foi tomada após ter vivenciado um grande conflito entre a paixão e a razão, mas a última venceu. Pois caso ela continuasse com Rochester, ela seria a amante dele e isso a faria inferior aos olhos de ambos, ela se tornaria sua escrava sexual, o que ela fortemente rejeita. Como Monteiro (2000) explica “Sabe que se ficasse com Rochester, nesse momento, perpetuaria a relação entre senhor e escravo.” (MONTEIRO, 2000, p. 93 apud SANTOS, 2017, p. 32). Podemos ver isso no diálogo que eles têm quando Jane decide partir de Thornfield. Rochester declara “– Oh, Jane! Isso é doloroso! Isso é... Isso é cruel. Amar-me não devia ser cruel.”, no que em seguida, Jane responde: “– Mas obedecê-lo seria.” (BRONTË, 2010, p. 281)

Rochester prossegue fazendo chantagem emocional com Jane, e, em meio a isso, ela pergunta a si mesma quem se importaria com ela, mas logo veio a resposta.

Eu cuido de mim. Quanto mais solitária, quanto mais sem amigos, quanto mais desamparada estiver, mais respeitarei a mim mesma. Mantereí a lei deixada por Deus e sancionada pelo homem. Mantereí os princípios que recebi quando era sã, e não louca como agora. As leis e os princípios não foram feitos para as horas em que não há tentação. São para momentos como este, em que corpo e alma se insurgem contra o seu rigor. (...) nas minhas veias corre fogo e meu coração bate tão rápido que nem posso contar as pulsações. Opiniões

formadas de antemão, ditames antigos, são tudo que tenho para me apoiar neste momento: sobre eles devo firmar meus pés. (BRONTË, 2010, p. 282)

Ser solitária e sem marido eram situações muito criticadas pela sociedade Vitoriana e, ao dizer que se respeita por conta disso, Jane Eyre se afirma uma rebelde convicta para os leitores da época. Além disso, assegura ter controle de suas emoções.

Jane, ao se afastar de Rochester, fica por um tempo em uma casa cujos moradores são na verdade seus primos. Nesse período, um tio, que ela tinha como único parente vivo, falece e deixa sua fortuna toda para ela, fazendo-a assim rica. Jane agora também é independente financeiramente.

Em uma conversa com seu primo, Jane tem a impressão de ter ouvido seu nome ser chamado três vezes, não se sabe de onde vem, mas ela tem certeza ser a voz de Rochester, por isso decide ir a seu encontro, ignorando o motivo de ter deixado Thornfield em primeiro lugar.

Chegando lá, descobre que seu ex-patrão tinha se mudado porque Bertha Mason havia incendiado a casa e, para salvar as pessoas que estavam no interior, Rochester se sacrificou para resgatá-las. Não conseguiu salvar sua ex-esposa pois ela havia se jogado do telhado antes que ele a salvasse. O resultado disso para ele foi ter um olho arrancado e a perda da visão do outro, juntamente com sua mão tendo que ser amputada. Com isso, ele se muda para Ferndean, uma casa senhorial de uma fazenda que possuía.

Jane, ao encontrá-lo, conta tudo o que havia vivenciado e as mudanças que ocorrera em sua vida. Rochester, por outro lado, acha que Jane não irá amá-lo mais pelas condições em que se encontra agora. Charlotte Brontë faz uma inversão de poderes ao tornar Jane ainda mais independente pela sua atual situação financeira e Rochester debilitado, precisando de ajuda até mesmo para caminhar. Ambos os personagens passam por essas mudanças para que estejam no mesmo nível social, sem terem sua liberdade e independência ameaçadas. Agora, sendo iguais, Jane Eyre toma sua decisão final, “Casei-me com ele, leitor.” (BRONTË, 2010, p. 396) e se vê como uma mulher diferente das com quem ele tinha se relacionado antes, pois “Nenhuma mulher jamais foi sua companheira tanto quanto eu sou: nem se tornou mais

carne da sua carne, ou sangue do seu sangue.” (BRONTË, 2010, p. 397) Depois de muitas lutas para a defesa de seus ideais e de seu caráter, a igualdade chegou para os dois.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em *Jane Eyre*, Charlotte Brontë constrói a personagem de Jane desde a infância até a fase adulta e permite ao leitor acompanhar seu desenvolvimento espiritual e intelectual. Jane era uma criança rejeitada e que, por autodefesa, gritava pelos seus direitos. Como resposta, ouvia pedidos de silêncio. Conheceu Helen e aprendeu com a amiga sobre Deus e a razão, o que muito a ajudou na maturidade. Adulta, ela não necessariamente ouve a palavra “silêncio” ser pronunciada, mas a sente. Sente na forma que a sociedade a limita através de sua condição de preceptora e mulher. Adulta, ela não necessariamente grita, mas suas palavras eram como um balde de água fria para grande parte de seus leitores da Era Vitoriana.

Por intermédio de Jane, Charlotte Brontë coloca em palavras tudo o que a incomodava e achava incoerente. Monteiro (2000) alega que em sua obra, Brontë lutava “por algo mais amplo: igualdade de direitos sociais e de manifestação dos anseios individuais.” (MONTEIRO, 2000, p. 83 apud SANTOS, 2017, p. 30) A personagem não se calou quando sofreu injustiça, como quando apanhou de seu primo, e sua versão adulta não se acovarda mediante a busca por igualdade, como quando não aceita continuar o relacionamento com Rochester pois seria sua inferior.

As dificuldades que Jane enfrenta em sua trajetória a impulsionam a lutar pelo o que quer viver e obter: a independência, a liberdade. Brontë, por trás do nome Currer Bell, quer que sua mensagem seja amplamente ouvida e que possa servir para fortalecer outras mulheres a traçarem seus caminhos e a batalharem pela sua liberdade. Em um trecho da narrativa, em que Jane conversa com Rochester, ele declara que não a trocaria nem por todo o harém de Grão-Turco. Rochester, ao ouvir de Jane para ele ir e gastar seu dinheiro como quisesse, pergunta a ela o que estaria fazendo enquanto ele estivesse com outras mulheres, e ela responde “estarei me preparando para partir como missionária e pregar a liberdade para as escravas... entre elas as habitantes do seu harém.” (BRONTË, 2010, p.241)

A menina, que antes faria qualquer sacrifício para ser amada, não sente agora que se sacrificar pelo amor dos outros seja racional. Com Helen, ela aprendeu a se amar e vê que conquistar o respeito e orgulho de si mesma é mais importante, e gostaria que outras mulheres soubessem disso. A ideia de Rochester estar com outras mulheres feriria seu lado passional, mas ela sentiria uma dor muito maior se burlasse seus ideais a favor de estar com alguém.

Brontë, em toda a narrativa, desafia os preceitos da época. Ao finalizar sua obra com o casamento de Jane e Rochester em que os dois estão em uma situação social de igualdade, ela escandaliza a organização patriarcal. Uma mulher não devia ser igual a um homem, muito menos ter a mesma liberdade, os mesmos direitos. Isso ameaçava o espírito de liderança dos homens da época.

Graças a mulheres como Charlotte Brontë, mulheres de hoje vivem uma realidade melhor. Ainda há muitas mudanças para serem feitas e obras como *Jane Eyre* nos inspiram a continuar a luta. Pediam a elas silêncio, mas não ouviram. Se pedem isso a nós hoje, não podemos ouvir, porque Charlotte Brontë gritou para a Era Vitoriana para encorajar outras mulheres. Seus gritos são de outra era, mas ainda fazem ecos.

## REFERÊNCIAS

BRONTË C. *Jane Eyre*. São Paulo: Editora Landmark, 2010. PDF.

LIMA, Danielle Dayse de. **Dramaticidade, subjetividade e sacralidade em Jane Eyre, o romance de formação de Charlotte Brontë**. UFPB, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6234>> Acesso em 26 fev. 2020.

MONTEIRO, M. C. **Figuras Errantes na Época Vitoriana: a Preceptora, a Prostituta e a Louca**. Rio de Janeiro: UFF, 1998. PDF.

**Mulheres além da Era Vitoriana**.

Disponível em <<http://martinclaret.com.br/2015/06/26/mulheres-alem-da-era-vitoriana/>> Acesso em 24 fev 2020.

ROCHA, P. **A estética da dissonância nas obras de Charlotte Brontë**. Belo Horizonte: UFMG, 2008. PDF.

ROSA, J.G. *Era Vitoriana: vozes de e em Jane Eyre*. Ponta Grossa: UEPG, 2011. Disponível em < <http://ri.uepg.br:8080/monografias/handle/123456789/49>> Acesso em 26 fev 2020

SANTOS, N. *Uma rebelde com causa: Jane Eyre sob análise*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2017.

SMITH, M. *The evolution of female pen- names from Currer Bell to J.K. Rowling*. Deakin University: 2015. Disponível em <<https://theconversation.com/the-evolution-of-female-pen-names-from-currer-bell-to-j-k-rowling-46864>> Acesso em: 1 mar 2020.

WOOLF, V. *Mulheres e ficção*. São Paulo: Penguin Classics Companhia de Letras, 2019.